

REFORMA PSIQUIÁTRICA NO BRASIL: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA HUMANIZAÇÃO ATRAVÉS DA PESPERSCTIVA DA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL

Carla Maria Querino¹

Katia Moura de Araújo Lobianco²

Patricia Rodrigues Torres de Carvalho³

Me. Rafaella Corrêa de Oliveira⁴

RESUMO:

Por décadas há um controverso sobre o contexto de “loucura”, no qual culturalmente existem dois polos entre o preconceito e a desmistificação sobre a saúde da patologia. A insanidade, nos primórdios não era vista como doença, acreditava-se que era uma forma de expressão humana, como forma mística ou até mesmo religiosa. Com o passar dos anos, o aspecto espiritual foi descartado, firmando a teoria de que desvario seria sinal de loucura, consistindo que delírios seria sintoma para o diagnóstico de transtorno mental. A partir do momento que a insanidade, foi designada como transtorno mental, a trajetória da doença foi tomando novas formas e obtendo atenção na psiquiatria que foi reconhecida como ciência. Esse trabalho torna-se relevante, pois investiga a importância da reforma psiquiátrica para um atendimento mais humanizado em prol do portador de transtorno mental. Levantando as problemáticas: De que maneira a reforma psiquiátrica contribuiu para um atendimento humanizado para o portador de transtorno mental e como a abordagem da Terapia Cognitiva Comportamental contribuiu para esse processo? Dessa forma pergunta-se: Quais as contribuições a Terapia Cognitiva Comportamental no processo da reforma psiquiátrica, como um atendimento mais humanizado? Este estudo foi realizado por meio da abordagem bibliográfica, com o objetivo geral de descrever como a reforma psiquiátrica e a Terapia Cognitiva Comportamental contribuiu para a mudança no campo da saúde mental, a partir de uma breve revisão de literatura.

Palavras chave: Saúde mental; Reforma psiquiátrica; Terapia Cognitiva Comportamental

¹ Discente do curso de Psicologia UNIVERSO – SG

² Discente do curso de Psicologia UNIVERSO – SG

³ Discente do curso de Psicologia UNIVERSO – SG

⁴ Docente do curso de Psicologia UNIVERSO - SG

ABSTRACT: For decades there has been a controversy about the context of “madness”, culturally there are two poles between prejudice and demystification about the health of pathology. Insanity, in the early days, was not seen as a disease, it was believed to be a form of human expression, as a mystical or even religious form. Over the years, the spiritual aspect was discarded, establishing the theory that delirium would be a sign of madness, consisting that delusions would be a symptom for the diagnosis of mental disorder. From the moment that insanity was designated as a mental disorder, the trajectory of the disease took on new forms and attention in psychiatry was recognized as a science. This work becomes relevant, as it investigates the importance of psychiatric reform for a more humanized care for people with mental disorders. Raising the issue: How has the psychiatric reform contributed to humanized care for people with mental disorders and how has the Cognitive Behavioral Therapy approach contributed to this process? In this way, the question is: What are the contributions of Cognitive Behavioral Therapy in the process of psychiatric reform, as a more humanized service? This study was carried out through a bibliographical approach, with the general objective of describing how the psychiatric reform and Cognitive Behavioral Therapy contributed to the change in the field of mental health, based on a brief literature review.

Keywords: Mental health; Psychiatric reform; Cognitive Behavioral Therapy.

I. INTRODUÇÃO

Durante toda a história, por décadas há um controverso sobre o contexto de “loucura”, aonde culturalmente existem dois pólos entre o preconceito e a desmistificação sobre a saúde da patologia (Alves et al., 2009). Em outro período, vinculam a personalidade do insano como alguém louco e de extrema ameaça para a sociedade. A insanidade, nos primórdios não era vista como doença, acreditava-se que era uma forma de expressão humana, como forma mística ou até mesmo religiosa (Batista, 2014; Alves et al., 2009; Figueiredo et al., 2014).

Em algumas culturas como a Grécia Antiga, o “louco” podia ser considerado como alguém de extrema importância na sociedade, no qual ele poderia destinar e/ou prever o futuro das pessoas. Já na Idade Média, a insanidade era vista como

algo sobrenatural. Com a tomada da igreja, quem tinha transtorno mental era visto como um ser do mal, o qual precisava ser exorcizado. A definição da “loucura”. Fortaleceu ainda mais ao aparecimento dos hospícios, depois denominados de hospitais psiquiátricos, esses fatores associados aos períodos históricos: os exorcismos nos séculos XV e XVI; a loucura apareceu com uma visão mais médica nos séculos XVII e XVIII; e o século XIX com o surgimento dos sanatórios (Batista, 2014; Alves et. al., 2009; Figueirêdo et al., 2014).

Com o decorrer dos anos, o aspecto espiritual foi descartado, firmando a teoria de Hipócrates, em que desvario seria sinal de loucura e que delírios seria sintoma para o diagnóstico de transtorno mental. Em 1801, surgiu como especialidade médica a psiquiatria, surgindo a partir do Tratado Médico-Filosófico sobre Alienação Mental criado por Pinel designado como a definição da “loucura”, após isso, no séc. XIX a psiquiatria foi reconhecida como ciência. A partir, do momento em que a insanidade, foi designada como transtorno mental, a trajetória da doença foi tomando novas formas e obtendo atenção na psiquiatria. *Segundo FOCAULT (1978) “A loucura, no devir de sua realidade histórica, torna possível, em dado momento, um conhecimento da alienação num estilo de positividade que a delimita como doença mental”* (Figueirêdo et al., 2014; Alves, 2014).

Através de Pinel houve duas temáticas: a possibilidade de um tratamento mais humanizado, e do outro a definição do que seria ruim e exclusivo para se conviver em sociedade. A constatação de Pinel, serviu para estigmatizar ainda mais os “loucos” reforçando que eles não eram capazes de viver juntamente com as outras pessoas, no intuito de descobrir uma possível cura, os hospícios começam a ser enxergados como a melhor opção, sendo lugar de isolamento e a reclusão e regimes rigorosos. Perante essa circunstância, começa a apresentar uma divergência: O intuito da psiquiatria era possibilitar ao insano, agora visto como doente mental, o direito de receber um tratamento humanizado e com ajuda terapêutica, porém, o exclui-o da sociedade, tirando sua autonomia (Figueirêdo et al., 2014).

Através deste cenário, a pessoa com “retardo mental”, é destituída de sua cidadania, ficando a mercê das instituições. Por conta desse sofrimento do indivíduo, a Reforma Psiquiátrica, veio para realizar uma intervenção e devolver a autonomia

do indivíduo, através de intervenções terapêuticas, trabalho com equipe multidisciplinar, mudando a forma de tratamento com os pacientes, desmistificando a doença, propondo melhor qualidade de vida. Inaugurou-se o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil no ano de 1852, no Rio de Janeiro. Crescendo a demanda dos hospitais psiquiátricos, porém com um déficit na excelência de sua execução, apresentando um serviço insatisfatório necessitando de uma total reformulação para o melhor manuseio para o melhor recurso terapêutico para o atendimento dos pacientes com transtornos mentais (Figueirêdo et al., 2014).

Com relação às representações acerca do doente mental, observou-se que ainda existe uma atmosfera notadamente insatisfatória e visões estereotipadas de cunho negativo e sentimentos desfavoráveis em relação ao doente mental. Tais estereótipos encontram-se presentes, ainda hoje, com representações como sem-juízo, sem-razão e agressivo; com atitudes de medo e exclusão. A família, por estar inserida na sociedade, acaba pactuando seus valores e representações; reproduzindo o discurso da sociedade, acrescido de suas vivências, adornadas pelo desgaste emocional e pelo sofrimento familiar. Mesmo entre os profissionais de saúde mental, permanecem as noções de periculosidade, pouco valor e ineficiência, a despeito de seus conhecimentos e experiências com a doença mental. (Maciel et. al., 2008)

Este trabalho aborda as fases da reforma psiquiátrica, analisando os estudos do médico italiano Franco Basaglia e a sua influência na reforma psiquiátrica do Brasil. O trabalho apresenta um caráter documental e exploratório a partir de uma revisão bibliográfica em banco de dados de artigos, dissertações e teses. Serapione traz a biografia do revolucionário médico psiquiátrico Franco Basaglia, que nasceu em Veneza em 11 de março de 1924, onde se formou em medicina e aplicou estudos sobre os manicômios. Na década de 1960, o médico aponta os atrasos na manutenção dos manicômios e, conseqüentemente na desumanização no tratamento dos pacientes. Serapioni (2019)

Para Basaglia a vida cotidiana no hospital era traumática e dolorosa, pois a realidade encontrada nos hospitais era desumana e intragável. Em um primeiro momento, o médico se encontra em uma profunda angústia existencial, confrontando-se com a realidade inusitada dos hospitais, caracterizados pela degradação social, pelo isolamento e pobreza no qual os internados viviam. Segundo o autor, Basaglia no início quase desistiu de tudo, devido a não ter recursos para lidar com a realidade preocupante do manicômio. Basaglia construiu

um grupo de colaboradores, assim surgiram às primeiras iniciativas da reforma psiquiátrica italiana. Foi necessária, portanto, a proibição de eletrochoque do Hospital de Gorizia, retiraram-se as grades das janelas e adotou-se a remoção das camisas de forças que faziam os pacientes ficarem contidos e quietos. Logo após iniciou as primeiras reuniões e assembleias para superar a desconfiança dos pacientes. Depois que foi feita a remoção das barreiras citadas, para Basaglia ainda continuou sem solução, pois os principais problemas latentes, o da liberdade e da perspectiva dos pacientes se sentirem iguais aos outros Serapioni (2019).

A vida dos pacientes, dos médicos e enfermeiros melhorou com a comunidade terapêutica (Foot, 2014, p.96): “As não pessoas voltaram a ser pessoas reais, com uma história, uma identidade e uma voz, e os médicos e enfermeiros foram libertados de funções meramente repressivas”. Convidado a compartilhar a sua experiência, Basaglia veio ao Brasil no final da década de 1970, para falar sobre o que havia realizado na Itália em questão da desinstitucionalização psiquiátrica. Suas ideias influenciaram o movimento da reforma psiquiátrica no Brasil. Alguns dos movimentos relacionados a assistência psiquiátrica Brasileira, se deu quando os profissionais que acabaram de se formar acharam um cenário desumano na década de 70. Neste cenário de descaso e violência, foi que aconteceu a luta de direitos humanos para as vítimas que sofreram de violência psiquiátrica. Diante disso exerce a reflexão sobre saúde mental, atenção psicossocial e reforma psiquiátrica no SUS, identificando meios, dispositivos e processo que extravasaram no SUS, se direcionando a outros setores.

O presente trabalho torna-se relevante, pois visa investigar a importância da reforma psiquiátrica, para um atendimento mais humanizado em prol do portador de transtorno mental, visto que esse sujeito merece ter autonomia, e exercer sua cidadania como qualquer outra pessoa. Levantando a problemática: De que maneira a reforma psiquiátrica contribuiu para um atendimento humanizado para o portador de transtorno mental e como a abordagem da Terapia Cognitiva Comportamental – TCC contribuiu para esse processo? Dessa forma pergunta-se: Quais as contribuições a TCC teve processo da reforma psiquiátrica, como um atendimento mais humanizado?

Tem como objetivo ainda através da abordagem Terapia Cognitiva Comportamental mostrar como é a atuação clínica, pelo olhar dessa abordagem, podendo colaborar com futuras pesquisas no sentido de prevenção e tratamento adequado, para determinados transtornos mentais. Assim, o objetivo geral é, descrever como a reforma psiquiátrica e abordagem da TCC contribui para a mudança no campo da saúde mental, a partir de uma breve revisão de literatura.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - Reforma Psiquiátrica

O hospital psiquiátrico Dom Pedro II foi o local de intervenção terapêutica da área psiquiátrica, sendo monitorada com vigilância, monitoração de tempo e correção. Instituiu o Modelo Asilar fundado na ideia de tratamento de Pinel e Esquirol Barros (1996). Momentos marcantes da Reforma Psiquiátrica Brasileira: Mudança na legislação, nos valores e nas praxes. Esse protótipo se completa com o conjunto de mecanismos, de traços inativos, surgidos ainda no século XIX, fundamentado em ideias estruturadas, a um problema social instalado: um modelo teórico, intervenção padrão, uma instituição, uma equipe multiprofissional, e um estatuto. Devera & Rosa (2007)

A Reforma Psiquiátrica deu início no Brasil por volta da década de setenta, e desde então vem trazendo enormes mudanças no campo da saúde mental e atenção psicossocial. Essa transformação tem poder direto na forma de se trabalhar com o indivíduo que necessita de cuidados por estar em sofrimento. Essa mudança aparece de maneira subjetiva e marca de forma histórica a política do país. Depois de vinte anos de ditadura militar, a nação começa uma democratização de decisões importantes na parte política, o crescimento dos movimentos sociais iniciado através da luta da classe trabalhadora, o enfrentamento dos funcionários da área da saúde, e a fundamentação de um Sistema de Saúde Único universal, gratuito, igualitário e de qualidade SUS. Melo (2012)

O modelo de reforma psiquiátrica no Brasil é uma mudança de natureza histórica de cunho político, social e econômico inspirado pelas ideias de grupos predominantes. O modelo atual de assistência psiquiátrica ainda é prevalecido da legislação de 1934, no qual sugere a internação do portador de transtorno mental,

propondo principalmente, a preservação da lei e da ordem pública. Havendo que o modelo atual possa ser visto como defasado e seus conceitos banalizados. Gonçalves & Sena (2001)

Os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS, surgiram para modificar o modelo de assistência à saúde mental. A estrutura de assistencialismo veio para substituir o antigo sistema de centro manicomial. Ofertando um sistema assistencial, pautado pelas diretrizes do Sistema Único de Saúde (universalidade, equidade e integralidade), com uma equipe multidisciplinar, ofertando melhor qualidade de vida para o sujeito e sua família. Junior (2007)

2.2 - Saúde Mental

A definição de “saúde mental” é diversa, e as vezes não é claro o seu conceito, ou uma qualificação do que realmente seja. Porém, do mesmo jeito que a “saúde” não é apenas a falta de doença, saúde mental pode ser muito mais do que apenas a inexistência de confusão mental. Assim, tem estado mais compreendido que a cada dia mais há interferência multifatoriais múltiplas que incluem aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Yasui & Rosa (2008)

Uma das características atualmente da saúde mental não está somente na possível “cura” das doenças ou na prevenção, mas fundamentar mais esforços para promover melhor possibilidades de saúde para todos. Não interessa apenas a ausência de enfermidades, mas a evolução absoluta dos indivíduos e da população. (Heolani et al., 2003)

2.3 - Terapia Cognitiva Comportamental

Aaron Beck, no começo da década de 1960 fundou a abordagem: Terapia Cognitiva Comportamental, dando o início para a revolução no campo da saúde mental, a terapia cognitiva comportamental tem sido adaptada a pessoas com diferentes idades, escolaridade e níveis financeiros, é uma abordagem adaptativa, colaborativa e com o intuito que o paciente seja seu próprio terapeuta. Beck (2022)

O fundador da Terapia Cognitiva Comportamental foi considerado um revolucionário, Aaron T. Beck, iniciou há 50 anos atrás estudos sobre o modelo cognitivo, quando não se tinha tratamentos baseados em evidências para os

quadros clínicos. Atualmente, as evidências da efetividade da Terapia Cognitiva Comportamental - TCC para uma enorme complexidade de transtornos mentais é enorme, essa abordagem transformou-se um tratamento de ponta, providenciando melhora nos sintomas a muitos indivíduos por todo o mundo. (Wright, et al., 2019)

A Terapia Cognitiva aborda a temática do modelo “biopsicossocial” no entendimento e na percepção dos acontecimentos a psicologia, constituindo uma abordagem que enfatiza os modos sobre meios cognitivos da psicopatologia. Para essa abordagem, os pacientes colocam sentindo ao acontecido em suas vidas, memórias, emoções, através das suas interpretações eles se comportam de uma determinada forma, construindo eventualidades sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Bahls & Navolar (2004)

Essa abordagem se baseia no modelo cognitivo: emoção, pensamento, comportamento, conduzindo o comportamento adaptativo e funcional do ser humano, se ele estiver desajustado poderá ser disfuncional, principalmente na psicopatologia. Um pressuposto comum da Terapia Cognitiva, são as distorções cognitivas, que são comuns em transtornos psiquiátricos, podendo ser identificado e trabalhado pelo terapeuta, os pensamentos automáticos disfuncionais, crenças nucleares e pressupostos subjacentes que estão desadaptativos no portador de transtorno mental e a partir de identificados, são reestruturados, o tornado mais funcional e adaptativo. Knapp (2004)

2.4 - PSICOPATOLOGIA E SEMIOLOGIA DOS TRANSTORNOS MENTAIS

Para Paulo Dalgalarrodo, a semiologia psicopatológica é o estudo e dos sinais e dos sintomas dos transtornos mentais, permitindo através desse estudo detalhado, que o profissional da área de saúde mental possa através de uma intervenção terapêutica, avaliar, diagnosticar, intervir, e ofertar um melhor tratamento para o seu paciente. Fazendo que o sujeito seja e se sinta tratado da maneira ética, privativa, assegurando sua autonomia e participando de forma colaborativa em todo seu tratamento. Dalgalarrodo (2019).

Depois da Reforma Psiquiátrica e através das intervenções realizadas pelo movimento anti- manicomial que surgiu a partir da década de 1980, aconteceu uma

mudança relevante a partir dos anos 2000 no Brasil, essa transformação é significativa, porém ainda possui bastantes impasses, em alguns pontos há uma evolução no âmbito social e em outros a um retrocesso nos campos políticos, econômicos e sociais. O campo da psicopatologia vem sofrendo alterações, tanto no conhecimento prático dos alunos que trabalham na área de saúde mental, no quesito institucional e na perspectiva do tratamento. O nível de formação dos alunos na graduação, tanto na qualificação teórica e prática, no olhar mais humanizado desses possíveis especialistas é uma gigantesca responsabilidade para o corpo docente e colaboradores, perante a esse cenário do manejo sobre a temática da Saúde mental no Brasil, buscassem sempre melhorar e aprimorar uma mudança verídica para que possa os portadores de transtorno mental possam receber um atendimento realmente de forma igualitária e humanizada. (Souza, et al., 2018)

III - METODOLOGIA

Este estudo foi bibliográfico, com abordagem bibliográfica. Esse procedimento é importante para garantir a exatidão dos resultados, trazendo uma fidedignidade, a pesquisa bibliográfica tem como objetivo, um levantamento de critério de referências escritas para uma boa compreensão de materiais já publicados por meio de plataformas de dados virtuais, como publicação de livros e artigos científicos (Gil, 2007). Neste estudo, foram utilizados a partir de materiais publicados, compostos de livros, artigos, publicação em revistas científicas e dissertações que abordassem o tema. Como critério de inclusão foi considerado inicialmente com restrição de data os artigos publicados nos últimos quinze anos, portanto refere-se do ano de 2008 ao ano de 2022, devido ao grande avanço nos estudos na área da saúde.

Foram selecionados artigos que se relacionassem em transtorno mental, hospital psiquiátrico e Terapia Cognitiva Comportamental nos pacientes escritos ou traduzidos para a língua portuguesa, através das pesquisas levantadas não houve restrição quanto ao assunto. Os artigos científicos foram selecionados a partir de pesquisas de dados virtuais na área da saúde, nas plataformas: Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Para a pesquisa foram utilizadas as palavras chave: Saúde mental; Reforma psiquiátrica; Terapia Cognitiva Comportamental. Como critério de exclusão, teve-se o fato de serem considerados

os artigos que não estivessem completos ou que não se relacionassem ao tema da pesquisa ou idiomas diferentes do português.

Nesta pesquisa, obtivemos referências, destas 21 foram utilizadas, sendo os artigos que não são de língua estrangeira foram descartados. Um deles foi encontrado na base de dados virtuais da Scielo e na plataforma do Google Acadêmico, das 21 referencias obtida, 4 abordava o tema Terapia Cognitiva Comportamental, 10 sobre Reforma psiquiátrica, 2 sobre saúde mental, e uma sobre método de pesquisa científica. Após fazer o levantamento bibliográfico, foram selecionados 20 artigos, com os assuntos que abordavam os objetivos desse trabalho e então foram elaboradas as seguintes categorias de análise a serem tratadas nos resultados e discussões: Reforma psiquiátrica no Brasil; Humanização através da perspectiva da Terapia Cognitiva Comportamental.

IV - RESULTADOS

Para responder aos objetivos propostos do trabalho, foi realizada uma revisão de estudo bibliográfica sobre a reforma psiquiátrica no Brasil e sua contribuição para uma humanização através da perspectiva da Terapia Cognitiva Comportamental, no qual se pode descrever no quadro exposto com o intuito de apresentar os objetivos deste estudo.

Visando mostrar a fidedignidade dessa pesquisa. A tabela 1, mostra um resumo da busca pelos artigos indexados com o tema reforma psiquiátrica nas plataformas de dados virtuais: Google acadêmico e Scientific Electronic Library Online. Abaixo de cada quadro é realizado uma discussão sobre as categorias de pesquisa apresentada.

Tabela 1, um breve resumo de artigos indexados no Google Acadêmico e

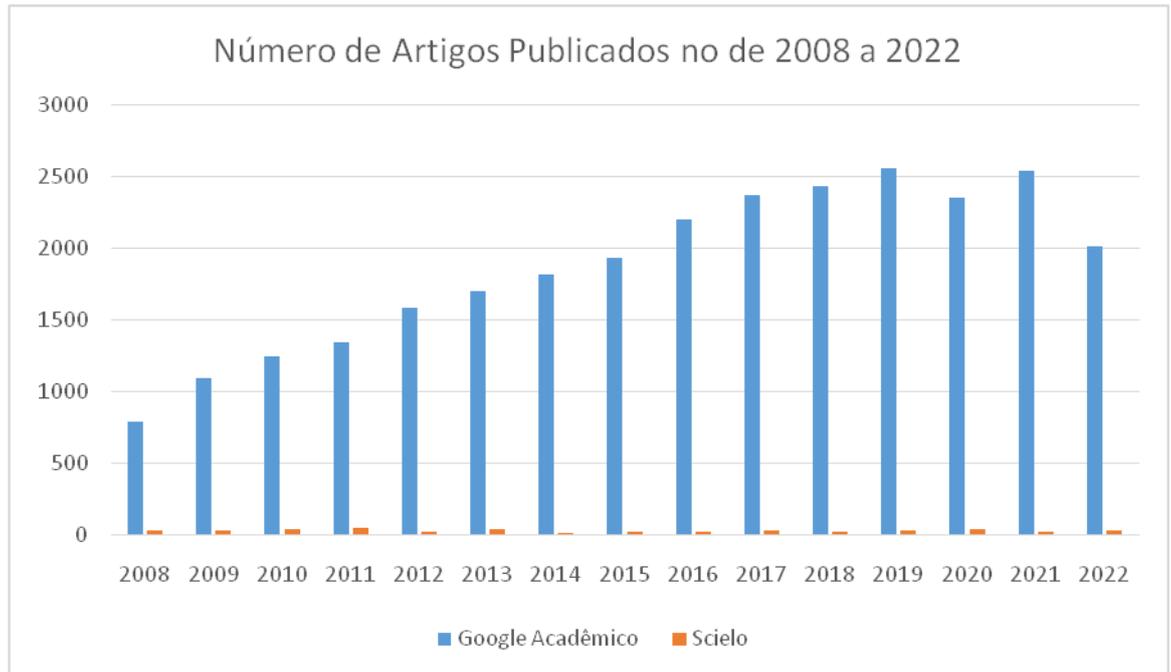
Ano de publicação	Google Acadêmico	Scielo	Quantidade de Artigos Indexados
2008	782	25	807
2009	1.090	30	1.120
2010	1.240	32	1.272
2011	1.340	46	1.380
2012	1.580	16	1.596
2013	1.700	38	1.738
2014	1.810	12	1.822
2015	1.930	22	1.952
2016	2.200	19	2.219
2017	2.370	26	2.396
2018	2.430	17	2.447
2019	2.550	27	2.577
2020	2.350	32	2.652
2021	2.540	21	2.561
2022	2.010	26	2.036
			Totais indexados: 28.575

Scielo.

Fonte: Google Acadêmico e Scielo. Março/2023.

A quantidade total de artigos publicados no período da pesquisa demonstra que foi inferior aos resultados encontrados entre 2008 a 2015 no número de artigos publicados por ano, foi inferior aos encontrados a partir de 2016 informações nas quais podem ser analisadas quantitativamente. Os dados foram sistematizados e estão indicados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Números de publicações dos artigos de dados pesquisados e publicados entre 2008 a 2022



Fonte: GOOGLE ACADÊMICO- Abril/2023. SCIELO- Abril/2023.

Como consta no quadro 2 a maior parte dos artigos publicados no período estão indexados no banco de dados do Google Acadêmico, ainda que pequena parte dos artigos indexados em Scielo.

V -DISCUSSÃO

Diante dos objetivos específicos propostos de verificar como a reforma psiquiátrica contribui juntamente com a abordagem da Terapia Cognitiva Comportamental, para um tratamento mais humanizado para os portadores de quadros psiquiátricos, através de fundamentação teórica avançada relacionada a reforma psiquiátrica, saúde mental e a Terapia Cognitiva Comportamental, foram analisadas 05 pesquisas bibliográficas desenvolvidas por estudiosos em diversas partes do país, para relatar essa análise sobre a temática.

Sobre esse processo analisado, com a intenção de analisar os eventuais problemas, tem que haver a constatação de que a reforma psiquiátrica brasileira é um método favorável de extrema importância. Os dados apresentados no decorrer desse estudo, avaliam que ela tem atingido sua finalidade, porém a muito o que se percorrer. Tenório (2002)

Para Hirdes (2009), ocorreu uma enorme evolução nessa desinstitucionalização. Porém, ainda falta grande mudança a respeito da oferta desse serviço, e da forma que regem a visão da reforma psiquiátrica desse país. Trabalhar nesse âmbito exige uma mudança contínua, para fazer com o que os serviços propostos ofertem aquilo que está amparado na lei da reforma psiquiátrica, lembrando que os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), não deverão ser locais de estadia, e sim acesso. Para que isso aconteça, é de extrema importância, que haja sempre uma boa qualificação, instrução dos servidores da área da saúde e principalmente da saúde mental, a visão e sensibilidade dos dirigentes no campo da saúde e o constante cuidado com a excelência nos serviços ofertados.

Perante as pesquisas sobre o tema e os artigos publicados a partir de então, essa temática é de extrema importância pois aborda a necessidade que um diagnóstico mais pontual, e a visão e tratamento a partir daí adotado corretamente, com tantos impasses, desafios e estigmas sobre o assunto, a uma necessidade de uma conscientização para que abandone essa visão que vem se perpetuando a anos sobre a história da cultura manicomial. Junior (2007)

A Reforma Psiquiátrica veio para solucionar uma lacuna sobre os asilo-confinante, proporcionando a redução de danos e desigualdade social que traziam para o portador de transtorno mental visto que não tinha uma perspectiva de qualidade de vida, sendo a única opção o isolamento da sociedade. O avanço da reforma aconteceu devido a necessidade da mudança com o tratar com os usuários do serviço, para que eles pudessem ter uma melhor perspectiva sobre a vida, melhorando sua qualidade de vida e podendo ter sua própria autonomia. Pitta (2011)

O autor Amarante (1995), avalia a necessidade de uma demanda de questionamentos em volta da ordem sobre a reforma psiquiátrica brasileira, desse modo também o Projeto de Lei Paulo Delgado, que sugere a abolição dos hospitais psiquiátricos e em seu lugar haja uma modificação com outros meios voltados para o cuidado em saúde mental. Para Amarante, a indagação maior está na concepção de desinstitucionalização, em objeção ao de desospitalização, em que o a perspectiva da Ética é extremamente relevante para discernir as vertentes da proposta da reforma psiquiátrica.

VI - CONCLUSÃO

Acredita-se que este é um campo ainda pouco explorado, possibilitando que muitos estudos ainda sejam realizados. Apesar do número de publicações ser crescente, ainda são poucas as pesquisas que se dedicam a estudar este assunto relacionando-o com o tema reforma psiquiátrica, com a contribuição da abordagem da Terapia Cognitiva Comportamental.

Também é importante compreender melhor a relação existente entre essa abordagem e os indivíduos com transtorno mental. Em função das consequências negativas e do número de pessoas estigmatizada, defende-se a necessidade de se obter uma visão mais precisa do tema. Apesar da alta incidência na população, o assunto ainda é negligenciado. Acredita-se que uma compreensão mais aprofundada do tema facilitará o possível diagnóstico, prevenção e tratamento, aspectos ainda pouco estudados na área. Dessa forma, é importante aumentar o debate sobre o assunto a partir de pesquisas com maior rigor metodológico e assim ajudar ampliar a compreensão dos profissionais da saúde sobre transtorno mental, seus aspectos constituintes e possibilidades de intervenção.

Por fim, pode-se concluir sobre a necessidade de uma maior quantidade de estudos sobre o tema a fim de compreender algumas lacunas ainda existentes na literatura como: melhor qualidade de vida e autonomia do sujeito, sua prevenção e tratamento, sua etiologia e prevalência, além de uma definição clara sobre os critérios diagnósticos. Apesar da discussão sobre a inclusão e qualidade de vida dos portadores de transtorno mental na sociedade, esse assunto se mostra digno de atenção tanto devido à sua intercorrência na população como às suas consequências e seus estigmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Aline Alencar; Mota, Alessivania. Um breve recorte histórico das conquistas no campo da saúde mental. 2014. Disponível em <<http://www7.bahiana.edu.br/jspui/handle/bahiana/438>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

ALVES, Carlos Frederico de Oliveira; RIBAS, Valdenilson Ribeiro; ALVES, Eliana. Vilela Rocha; TAVARES, Marcelo Tavares Lima. Uma breve história da reforma

psiquiátrica. Neurobiologia. 2009. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/341446537> Uma breve historia da reforma psiquiatrica>. Acesso 12 mai. 2023.

AMARANTE, Paulo. Novos sujeitos, novos direitos: o debate em torno da reforma psiquiátrica. Cadernos de Saúde Pública, pp. 491-494. 1995

BAHLS, Saint Clair; NAVOLAR, Ariana Bassetti Borba. Terapia cognitivo-comportamentais: conceitos e pressupostos teóricos. Revista Eletrônica Psicologia. 2004. Disponível em

<https://psicoterapiaepsicologia.webnode.com.br/news/terapia-cognitivo-comportamentais-conceitos-e-pessupostos-teoricos/>>. Acesso em 12 mai.2023.

BATISTA, Micheline Dayse Gomes. Breve história da loucura, movimentos de contestação e reforma psiquiátrica na Itália, na França e no Brasil. Política & Trabalho. 2014. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/264943132> Breve historia da loucura movimentos de contestacao e reforma psiquiatrica na Italia na Franca e no Brasil>. Acesso em 05 de mar 2023.

BECK, Judith. Terapia Cognitivo-Comportamental: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BEZERRA, Benilton Junior. Desafios da reforma psiquiátrica no Brasil. Physis: Revista de Saúde Coletiva, 2007, 243-250. Disponível em https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/physis/v17n2/v17n2a02.pdf>. Acesso em 08 mar 2023.

DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed , 2019.

DEVERA, Disete; COSTA-ROSA, da Abílio. Marcos históricos da reforma psiquiátrica brasileira. Revista de Psicologia da UNESP, pp. 60-79. 2007

FIGUEIRÊDO, Marianna Lima de Rolemberg; DELEVATI, Dalnei Minuzzi; TAVARES, Marcelo Goes. Entre loucos e manicômios: história da loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil. Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT, pp.121-136. 2014. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/1797>>. Acesso em 05 abr 2023.

FOOT, John. La “Repubblica dei matti”: Franco Basaglia e la psichiatria radicale in Italia, 1961-1978. Feltrinelli Editore, 2014.

FRANCO, Basaglia. Biografia de um revolucionário (introdução). L'istituzione negata: rapporto da un ospedale psichiatrico. Torino: Einaudi, 1968

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa 175. Atlas, 2014.

GONÇALVES, Alda Martins; SENA, Roseni. Rosângela de. A reforma psiquiátrica no Brasil: contextualização e reflexos sobre o cuidado com o doente mental na família. Revista latino-americana de Enfermagem 2001, 48-55. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/9bCCVfxtqfHFthKrH4sZ8dn/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em 05 abr 2023.

HELOANI, José Roberto; CAPITÃO, Claudio Garcia. Saúde mental e psicologia do trabalho. São Paulo em perspectiva, 2003, 102-108. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/spp/a/6gQBvK8LC7CM4Bzd5vNLH7H/?lang=pt#>>. Acesso em 04 mar 2023.

HIRDES, Alice. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. Ciência & saúde coletiva, 2009, 297-305. Ciência&SaúdeColetiva. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/GMXKF9mkPwxK9HXvL39Nf/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em 04 mar 2023.

KNAPP, Paulo. Terapia Cognitiva Comportamental na prática psiquiátrica. Artmed, 2004.

MACIEL, Silvana Carneiro; MACIEL, Carla Maria Carvalho; BARROS, Daniela Ribeiro; SÁ, Roseane. Christhina da Nova; CAMINO, Leôncio. Exclusão social do doente mental: discursos e representações no contexto da reforma psiquiátrica. Psico-USF, 2008, 115-124. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pusf/a/hxvDcDvp4wt5p8qT8pfkpfN/?lang=pt#>>. Acesso em 24 mar 2023.

MELO, Anastácia Mariana da Costa. Apontamentos sobre o processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, 2012, 201-213. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68692>>.

Acesso em 03 mar 2023.

PITTA, Ana Maria Fernandes. Um balanço da reforma psiquiátrica brasileira: instituições, atores e políticas. Ciência & saúde coletiva, 2011, 4579-4589.

Disponível em
<<https://www.scielo.br/j/csc/a/JnBHtt8Q8NNHFHbVw5ww5mC/?format=pdf&lang=pt>>
. Acesso em 03 mar 2023.

SERAPIONI, M., & Basaglia, Franco. Biografia de um revolucionário. História, Ciências, Saúde–Manguinhos, 2019, 1169-1187. Disponível em
<<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xyFt7t59w8czHWXY3TSgLVC/abstract/?lang=pt#>>.
Acesso 06 mar 2023.

SOUZA, Ariane Aparecida; ARANTES, Renata Afonso; CARDERELLI, Ludmila. A Reforma Psiquiátrica e o Estágio em Psicopatologia. Revista Gestão Universitária, 2018,1-30. Disponível em <<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-reforma-psiquiatrica-e-o-estagio-em-psicopatologia>>. Acesso em 06 mar 2023.

TENÓRIO, Fernando. A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica. 1999. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB-UFRJ), Rio de Janeiro, 1999.

TENÓRIO, Fernando. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. 2002. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, (9), 25-59, Rio de Janeiro, 2002.

WRIGHT, Jesse; BROWN, Gregory; THASE, Michael; BASCO, Mônica. Aprendendo a Terapia Cognitivo-Comportamental: Um Guia Ilustrado. Artmed, 2018.

YASUI, Silvio; COSTA-ROSA, Abílio. A Estratégia Atenção Psicossocial: desafio na prática dos novos dispositivos de Saúde Mental. Saúde em debate, 2008, 27-37/78-79-80. Disponível em <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406341773003>>.
Acesso em 10 mar 2023.